

ÚLTIMOS LIVROS NOME DE GUERRA

P O R J O S É D E A L M A D A N E G R E I R O S



Nas insistências que parecem despropositadas à força de serem ditas. Um romance não vive exclusivamente da forma, como igualmente não vive só do fundo. Para que o romance se eternize é preciso que estes dois elementos sejam tratados com a máxima vigilância pelo autor. O que importa num romance é a história que se nos conta. E' sua condição, e, quasi sempre, o seu fim, narrar-nos uma história, mais ou menos perfeita, mais ou menos verosímil. Eis onde está o perigo. E' que essa história deve-se-nos apresentar, não como imaginada, mas como projecção de algo da vida, de algo vivido. Verosimilhança não querará dizer ordem lógica pura. A vida dos personagens—reais ou fictícios—é determinada por reacções psíquicas, provocadas pelo mundo, explicáveis só cientificamente e por teorias bastante modernas, não totalmente aceites.

Sim: o romance deve ser feito de experiência. Em vão se deve tentar fazê-lo doutra maneira. E a experiência dá-nos a verdade, um dos requisitos para se escreverem bons romances.

Depois deve-se cuidar da forma, ou seja o estilo, sem perder de vista o tom em que ela foi começada e sem cair em inúteis pretenciosismos verbais, muitas vezes ridículos. Porque estilo é, propriamente, a qualidade que cada qual tem mais ou menos desenvolvida, de ajustar científica e artisticamente as palavras ao pensamento. Isto é, estilo é uma coisa que se adquire à força de trabalho e estudo e nada tem que ver com maneira e tom, dons absolutamente naturais. Daí o triunfo de Eça de Queiroz que, soube como poucos, aliar ao fundo da ridícula e mesquinha vida lisboêta e ao tom irónico e caustico das suas obras o estilo, no seu sentido mais lato e perfeito, maleável e onde todos os elementos expressivos se agrupam para resultar a beleza.

Um escritor pode fazer uma obra no tom dramático, humorístico, panfletário, etc., mas escrevê-la mal, sem estilo, ainda que o tom esteja bem, seja apropriado, tenha unidade. Exemplificando: é o caso desse jovem brasileiro, Jorge Amado, autor dos romances *Mar Morto*, *Jubiabá*, *Capitães da Areia* e outros, todos eles com um fundo humano, um tom panfletário, uma maneira equilibrada, de muita observação psicológico, de caracteres bem trabalhados e definidos, mas em que não há a mínima preocupação e o mínimo pedaço de estilo, se bem que todos os seus romances não sejam inferiores a 350 páginas.

Este caso é convincente, e é o de muitos dos modernos escritores. Se são animados de inquietação, se procuram representar as ansiedades do nosso tempo, se o fundo da sua obra é palpante de vida, esquecem todavia aquela parcela indispensável de virtuosismo verbal que tornaria a sua obra inestimável. Outros, ao contrário, se sentem e possuem a musicalidade da forma verbal—no que ela tem de mais voluntária—se são buriladores incansáveis—e esses são raros—apresentam uma obra vazia de sentido, sem afinidade Humana.

Quere-nos pois parecer que a fusão equilibrada de fundo e estilo deverá estar presente ao espírito de quem quiser fazer obra literária.

Nome de Guerra (Coleção de Autores Modernos Portugueses, Edições Europa, Lisboa, 1938) é a última obra literária de José de Almada Negreiros vinda a público, se bem que tivesse sido escrita em 1925. Isto, longe de a inferiorizar, dá-nos até, elementos para melhor julgar da capacidade de prosador e de romancista que é Almada, pois que a teve em seu poder tempo suficiente para lhe fazer as modificações que lhe parecessem necessárias.

Deste artista têm-se dito as coisas mais desencontradas, desde os seus familiares ou admiradores que o classificam de gênio, até aos seus inimigos que o apodam de bluff.

Quere-nos parecer que nem num nem noutra caso se encontra o autor do *Nome de Guerra*. Ele é, sim, quanto a nós, um homem talentoso, no que o talento contém, num sentido restrito, de habilidade; e julgamo-lo assim, devido à multiplicidade de aptidões artísticas que ele encerra no seu seio. Quero dizer, Almada não é genial pela quantidade de instrumentos que toca, mas pela qualidade, ou seja, o grau expressionista de cada um em particular. Ter-me-ei feito compreender? Será esta apreciação desprimorosa para Almada Negreiros? Suponho que não. Porque Almada possui uma faceta onde marcadamente se

adivinha, mais que — adivinha, se vê verdadeiramente, nitidamente assumir o ingenho: e essa faceta é a literatura, é a prosa.

Aí, mais que em qualquer outra modalidade, Almada transmite ao seu público aquilo que pretende, aquilo que vê com os seus olhos de artista. Ao lêr este *Nome de Guerra* convenci-me que o verdadeiro dom de expressão de Almada, está na literatura, está no romance, direi melhor. E convenci-me, exactamente, por ter conseguido de mim aquilo que os seus desenhos, as suas telas e os seus vitrais nunca conseguiram: fazer-me vibrar, chorar ou rir sempre que lhe aprouve. Almada Negreiros é, sem favor, é de-facto, um grande escritor, e este livro teria com certeza um exito retumbante se fôsse escrito em algum grande país. Porque as suas páginas estão cheias de observações justas, de comentários judiciosos; a análise psicológica é não só, bem desenvolvida como dum equilíbrio enxcedível. Que pena Almada Negreiros asfixiar e desprezar o escritor que vive dentro de si!

O tom, então, com que Almada escreveu este livro dá-nos uma impressão nova, absolutamente nova, de graça, de frescor e de humor que resulta da caricatura das próprias coisas; se bem estejam muitas vezes envolvidas em dôr. Ao lêr esta obra, lembrou-me não sei se com razão, o Tartarin. Não pela prosa em si, mas pela graça que dimana de certos aspectos caricaturais.

Veja-se isto: «Um dia calhou de ficar só com a criança na saleta. Pareceu-lhe que Deus lhe mandava aquele momento para tira-teimas, Meteu-a entre os joelhos, deitou-lhe a cabeça para trás e ageitou-a para a decifrar. Meteu os olhos pelos dela e, claro, a criança perdeu a confiança e desatou num berreiro».

A par da graça existe também muita verdade, como nos diálogos. Por exemplo: «O experimentado debruçou-se sobre a mesa, todo tercido para obrigar a atenção do Antunes e focar a ausente».

— É uma camaradona! Telhuda como um raio que a parta, mas cara unhaca. Tivemos uma crença um pelo outro. Cá uma fêzada. Hoje estamos quites.» Ou ainda: «Mas o companheiro tornou a sentá-lo pelos ombros como quem força violentamente uma mala para a fechar. Para remate deu-lhe os nós dos dedos para cheirar.

— E para a outra vez não é só ela quem prova da canja, são os dois!

Os dois eram a esbofetada e o Antunes. O Antunes estava varado. Não percebia patavina.»

Há cenas que têm o dinamismo cinematográfico, de tão rápidas e de tão sóbrias: «O experimentado buscou uma das garrafas pelo gargalo e deixou a mesa para receber a sala que se tinha levantado em péso. Pôs os olhos num por um, para ver quais deles eram os que queriam que ele lhes desse as explicações. Mas já começava a ouvir-se o ajeitar das cadeiras às mesas. O último a sentar-se foi ele.» O retrato deste D. Jorge, a que Almada chama o experimentado, é vivo e é flagrante. O de Judite é de todos o melhor porque está cheio de profundidade, e de pitoresco também. Almada não dá depressa se serve da caricatura como da realidade ou ainda dum e doutra envoltas em lirismo, do mais puro: «Minha mãe? Tu não imaginas, era uma senhora!...

O orgulho que pôs nesta última palavra era o melhor retrato por sua própria filha». Vejamos estoutro passo: «Uma noite, coitadinha, eu fui ter com ela e beijou-me muito, deu-me muitos beijinhos pelo corpo todo, nas perninhas, nas maminhas, aqui na barriga, nas costas, na cara, na cabeça, muitos, muitos beijinhos, eu até chorei, depois enfiou um rosário de contas ao meu pescoço e dormimos as duas abraçadas uma à outra. Afinal só eu é que dormi, ela tinha morrido».

Os diálogos de que o livro está cheio são magistrais e, suponho, inegaláveis. De observação e de graciosidade há esta pequena descrição pela qual se pode avaliar bem do valor de toda a obra, porque toda ela é mais ou menos neste tom: «Ela voltou à porta e ele estendeu-lhe os embrulhos. Ela falava-lhe como se ele já tivesse entrado. Mas ele continuava na escada. Como ela continuasse a falar ele tirou o chapéu. Como ela falava de maneira que dava a entender que ele já tinha entrado, entrou. E encostou a porta sem ruído para fingir que já lá estava há muito tempo».

E' claro que esta prolixidade irritará muita gente mas, o que não há dúvida é *Nome de Guerra* ser a melhor, a mais arejada e a mais moça de quantas obras últimamente se têm tentado escrever nesta terra de tão reduzidos recursos, e as suas qualidades, apontadas, serem muito superiores aos defeitos que de tão pequenos, nem vale a pena falar.

J O Ã O D E G U S M Ã O